



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Comunicação**  
**Comunicação Organizacional**

TODO MUNDO VAI SABER: SER GAY EM FORMOSA (GO)

Eduardo Resende Bittar

Brasília-DF, Junho/2017

Eduardo Resende Bittar

Memorial do produto:

TUDO MUNDO VAI SABER: SER GAY EM FORMOSA (GO)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Comunicação Organizacional

Brasília-DF, Junho/2017

Memorial do produto:

TUDO MUNDO VAI SABER: SER GAY EM FORMOSA (GO)

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldes

Profa. Dra. Janara Kaline Sousa

Mestranda Luana Ferreira

Suplente: MSc. Luisa Montenegro

## **RESUMO**

Este memorial relata a trajetória acadêmica para a escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso, bem como a definição teórica, conceitual e metodológica deste projeto. Em um terceiro momento, narra o processo criativo do documentário “Todo mundo vai saber”, que visa a compartilhar vivências de homens homossexuais na cidade de Formosa, Goiás. Por fim, mostra estratégias de comunicação para a divulgação do vídeo a fim de que ele circule socialmente e não fique restrito ao espaço da academia.

**Palavras-chave:** comunicação, homossexualidade, documentário, cidade de Formosa.

## **ABSTRACT**

This memorial reports the academic trajectory for the theme's choice of this work of conclusion of course, as well as the theoretical, conceptual and methodological definition of the project. In a third moment, it narrates the creative process of the documentary "Todo mundo vai saber", that aims to share experiences of homosexual men in the city of Formosa, Goiás. Finally, it shows strategies of communication for the disclosure of the video in order that it circulates socially and not be restricted to the space of the academy.

**Keywords:** communication, homosexuality, documentary, Formosa city.

*Dedico este trabalho a todas as pessoas LGBTQ  
que lutaram, morreram e resistiram antes de  
mim para que eu pudesse estar aqui contando a  
minha história e a de outros.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, que em todas as minhas empreitadas sempre me apoiaram e me fizeram chegar mais longe. Sem eles nada disso seria possível.

Ao meu irmão Franklim, minha cunhada Patrícia e minha sobrinha Maria Fernanda, que nunca deixaram de me incentivar e de vibrar com minhas conquistas.

À minha orientadora Elen Geraldês pela confiança, amizade e compreensão com os quais sempre me ajudou a tomar as melhores decisões. Poucas pessoas me conhecem como ela.

Ao meu parceiro de trabalho Marcus Vieira, cujo trabalho excepcional foi essencial para que este projeto tenha atingido a dimensão que chegou e superado todas as minhas expectativas.

Ao meu sócio, colega, amigo e parceiro durante toda a graduação, Raul Nunes, que desde o início me ajudou e ajuda a crescer como profissional e como pessoa.

Ao meu companheiro, amigo e namorado Lucas Corrêa, que com muita compreensão sempre me apoiou em todos os projetos e, mesmo a distância, me deu forças e foi meu suporte quando precisei.

Aos meus amigos, em especial às “Filhas do Didi”, que me deram incentivo, apoio e colo quando precisei e à Júlia Ayla, que muito me ajudou a crescer durante minha trajetória na Universidade.

A todos os professores, colegas e funcionários da Faculdade de Comunicação que cruzaram meu caminho e que de alguma maneira contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e até pessoal. Em especial à professora Janara Sousa e à servidora Rosa Helena, pelo carinho, amizade e por tudo que fizeram por mim nesses anos de graduação.

Meus sinceros agradecimentos a todos.

*“Querer bem, enfim, é imonar-se num amigo para juntos espalharem uma semente de paz em todos os lugares onde o ódio se faz presente.”*

Sérgio Fayad Generoso



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	10
<b>2. Em busca do momento vivido</b> .....	11
<b>3. Da experiência à teorização</b> .....	16
3.1. Delimitação do objeto .....	16
3.2. Objetivos .....	16
3.3. Justificativa .....	17
3.4. Metodologia .....	18
3.5 Leituras e referências .....	20
<b>4. O processo criativo</b> .....	24
<b>5. A história não terminou</b> .....	27
5.1. Cronograma de publicações .....	28
<b>6. Considerações finais</b> .....	29
<b>7. Referências</b> .....	30

## Introdução

A comunidade LGBTQ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais e *queer*) brasileira vem conquistando alguns avanços significativos ao longo dos últimos anos. O debate sobre casamento igualitário, criminalização da homofobia e uso do nome social por pessoas transexuais e travestis são apenas algumas pautas que exemplificam como a agenda tem obtido algum sucesso. Entretanto, o Brasil ainda é um dos países com os mais altos índices de mortes deste grupo: Segundo dados de 2016 do Grupo Gay da Bahia (GGB), um homossexual é morto a cada 28 horas no Brasil por causa de sua orientação sexual.

Assim, trabalhos que lidem respeitosamente com a questão LGBTQ e todas as suas especificidades têm um papel fundamental na mudança social, trazendo o debate, propondo discussões sobre como superar preconceitos e, principalmente, colaborando com a promoção de políticas públicas para essa população.

Crescer sendo LGBTQ em uma cidade pequena e do interior expõe esse grupo a situações que dificilmente seriam enfrentadas em cidades maiores e capitais. Entender, expor e discutir o assunto em um meio que por muitas vezes se mostra conservador e preconceituoso é, sem dúvida, arriscar-se. Contudo, é essencial que se traga o tema para discussão porque só assim é possível avançar no caminho da diversidade.

A produção de um documentário sobre a experiência de homens homossexuais em uma cidade do interior perpassa minha própria trajetória não só na cidade de Formosa, onde nasci e fui criado, mas também na Universidade de Brasília, onde venho formando e construindo meus conceitos, pensamentos e relações ao longo dos últimos 4 anos. O tema proposto em meu trabalho de conclusão de curso é contar essas histórias no documentário “Todo mundo vai saber: ser gay em Formosa, Goiás.”

Este memorial divide-se em três partes: a primeira é o relato de minha trajetória na UnB, em que a tessitura das disciplinas, das leituras, do contato com professores e amigos culminaram na escolha do tema.

Na segunda parte, descrevo como o tema se constituiu em um problema de pesquisa, com objetivos, teorias e metodologia.

Já na terceira parte, mostro que a exposição deste problema se deu por meio de um documentário, que mesmo com seus limites, trouxe várias possibilidades. Descrevo, então, o processo criativo e as várias decisões que vão da escolha das fontes até o roteiro, edição etc.

Na parte final, A História não terminou, breves considerações sobre o que fazer com o vídeo e como divulgá-lo.

## **I Parte**

### **Em busca do tempo vivido**

Adentrar os portões da UnB naquele agosto de 2013 fez com que muita coisa fosse desconstruída e reconstruída em minhas convicções e opiniões. Foi na Faculdade de Comunicação que eu iniciei um processo de autoconhecimento profissional, pessoal e social. E todos, desde professores, colegas, amigos e demais servidores foram parte essencial neste processo.

No primeiro semestre de faculdade, ainda com 17 anos e cheio de dúvidas, medos e expectativas, foram-me apresentadas as primeiras noções teóricas acerca da Comunicação, em Introdução às Teorias da Comunicação. Ali tive o primeiro contato com o que vinha sido estudado até então sobre aquela área que escolhi para chamar de minha.

Foi também no primeiro semestre que cursei uma das disciplinas mais importantes para que eu me tornasse o ser humano que sou hoje. Ética, Legislação e Responsabilidade Social. Foi vendo a professora Elen ouvindo os outros que aprendi a fazer o mesmo. Foi ali que aprendi a ouvir não só um como todos os lados de uma mesma história antes de tomar qualquer partido. Foi ali que mudei boa parte dos meus (pré) conceitos e comecei a questionar boa parte das coisas que acreditava.

Ainda no segundo semestre daquele ano, meu primeiro na Universidade, nas disciplinas introdutórias de Planejamento e Marketing, pude aprender um pouco da parte prática da profissão que escolhi, por meio de conceitos básicos e muita mão na massa.

Cursei também a disciplina optativa Oficina de Texto 1, que foi fundamental para aprimorar minha capacidade de escrever e ampliar meus horizontes no campo do texto. Além disso, foi neste semestre que fui apresentado ao audiovisual pela primeira vez, através da disciplina Linguagens da Comunicação 1.

Durante o primeiro semestre de 2014, meu segundo na Universidade, pensei em desistir. Lembrei que meu sonho de infância era cursar Jornalismo e, portanto, aquela seria a hora de tentar mudar. Entretanto, fui deliciosamente surpreendido pela disciplina Teorias da Comunicação Organizacional, onde pude entender de maneira ainda mais profunda a área na qual estava inserido e aflorar essa paixão que ainda era tímida em meu primeiro semestre. Foi tendo contato com autores como McLuhan, Kunsch e Wolf que entendi que Comunicação Organizacional era de fato onde eu gostaria de estar.

Foi também neste período que pude mergulhar em uma de minhas áreas favoritas na Comunicação: o Planejamento. Na disciplina de Planejamento em Comunicação, pude

aprender muito desenvolvendo um plano completo de Comunicação para uma associação de proteção animal.

Além disso, aprendi também sobre outras vertentes da Comunicação como a Publicidade, as Relações Públicas e o Jornalismo, na disciplina Linguagens da Comunicação 2.

Cursando a disciplina de Metodologias de Pesquisa em Comunicação, desenvolvi um dos trabalhos que me fez perceber como a comunicação tem um forte papel social. Através de conceitos como o da *agenda setting*, vi que Comunicação também é poder à medida em que tem a capacidade de pautar os assuntos e as questões a serem discutidas pela sociedade.

Já no terceiro semestre da graduação pude me aprofundar nos processos que envolvem a comunicação visual e o planejamento gráfico na disciplina Planejamento Gráfico, Visual e Web, que viria a descobrir outra de minhas áreas favoritas na Comunicação. Nessa disciplina desenvolvi junto a minha equipe um infográfico sobre a cultura *drag queen* pelo mundo e seu contato com o universo LGBTQ.

Aprendi em Técnicas de Jornalismo Impresso e Online a importância de uma boa apuração e uma boa diagramação. Além disso, nessa disciplina comecei a me interessar pelas causas LGBTQ, quando desenvolvi uma reportagem expondo as vivências e as dificuldades de pessoas transexuais para se colocarem na sociedade e especialmente no mercado de trabalho.

Ainda neste mesmo semestre pude descobrir a importância do papel social da Comunicação. Em Políticas de Comunicação, Sociedade e Cidadania, passei a enxergar minha área como fundamental na promoção da mudança social e de pensamento. A importância da regulação da mídia e de políticas de comunicação contundentes foram alguns dos aprendizados.

Por fim, mas não menos importante, em Gestão em Comunicação pude estudar como a Comunicação Organizacional e as noções de gestão presentes em áreas afins como a Administração podem (e devem) caminhar juntas para solucionar problemas e promover avanços em organizações públicas ou privadas.

Já no primeiro semestre de 2015, na exata metade do meu tempo de graduação, pude mergulhar ainda mais fundo em minha experiência acadêmica e também social. Foi neste semestre que tive a oportunidade de organizar, junto a uma excelente equipe de trabalho, a II Semana de Comunicação Organizacional. Uma experiência incrível, que me colocou em contato com profissionais, estudiosos e entusiastas do curso.

Foi também neste semestre que cursei uma das disciplinas que julgo fundamentais para o sucesso dos estudantes do curso: Instrumentos da Comunicação Organizacional, carinhosamente apelidada de “ICO”. Foi nessa disciplina que pude participar de uma verdadeira imersão no movimento LGBTQ, trabalhando diretamente com a ANAVTrans, uma associação de apoio e valorização à vida de mulheres transexuais e travestis. Foi vindo de perto o poder da comunicação como agente de mudança social que eu pude ter certeza que estava no caminho certo. O reconhecimento veio ao final, com a vitória do Prêmio ICO, cerimônia que premiou os melhores trabalhos desenvolvidos na disciplina naquele semestre.

Outra experiência acadêmica muito marcante foi participar do projeto de pesquisa “Lei de Acesso às Informações Públicas: o panorama das instituições federais brasileiras”, coordenado pelas professoras Janara Sousa e Elen Geraldês. Entender e pesquisar sobre o direito de acesso à informação foi fundamental para minha formação enquanto profissional e estudante de Comunicação.

Além disso, foi a partir desta pesquisa que surgiu meu projeto de iniciação científica chamado "Contribuições da comunicação para a construção da transparência ativa no Judiciário Federal à luz da análise dos sites institucionais dos órgãos", que foi apresentado no 22º Congresso de IC da UnB e 13º do DF, obtendo menção honrosa pelo trabalho desenvolvido.

Cursei neste semestre, com a professora Ellis Regina Araújo, a disciplina Técnicas de Jornalismo em Rádio e TV, na qual pude não só aprender e desenvolver técnicas de postura, dicção, entre outras, como também explorar ainda mais o universo do jornalismo audiovisual e me apaixonar pelas nuances e peculiaridades que o rádio e a TV possuem em suas atribuições.

Ainda durante o segundo semestre de 2015, na disciplina Planejamento e Gestão em Marketing, pude participar do processo de idealização e planejamento de uma *startup*. Ao final da matéria, a ideia e o modelo de negócios que eu e minha grupo propusemos para nossa *startup* foram premiados como os melhores pela equipe do Programa Multincubadora de Empresas do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB).

Já na segunda metade de 2015, cursando o quinto semestre na universidade, tive a oportunidade de fortalecer meus vínculos com o audiovisual. Através da disciplina Roteiro, Produção e Direção para Web, Vídeo e Cinema, aprendi na prática desde a concepção de um material audiovisual, passando pelo roteiro, planejamento, captação até a montagem e edição do conteúdo captado.

Foi também neste semestre que pude estudar a parte mercadológica e matemática da Comunicação. Com o professor Samuel Lima (e outros professores convidados ao longo do semestre), na disciplina Pesquisa de Opinião e Mercado, aprendi a quantificar e qualificar o trabalho de comunicação. Foi ao final desta disciplina que desenvolvi, como trabalho final, uma pesquisa sobre as percepções dos estudantes de Comunicação Organizacional da FAC/UnB.

Na disciplina de Planejamento e Gestão em Organizações Públicas, Privadas e do Terceiro Setor, desenvolvi com minha equipe um observatório de Comunicação Pública, produzindo um material sobre “Tecnologias e técnicas de utilização da água na agricultura do semiárido brasileiro”. Além disso, durante a disciplina tivemos um dia completo de imersão na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), para entender os demais processos de comunicação dentro do órgão.

Já ao final do ano de 2015, participei como apoio do evento “Escola Internacional de Arte, Literatura e Som na cultura da imagem contemporânea”, coordenado pela professora Gabriela Freitas, onde tive a enriquecedora oportunidade do contato com pesquisadores de várias partes do mundo que estudam o tema.

No primeiro semestre de 2016, dando início à meu último ano de graduação, foi a hora de explorar, na disciplina Formatação e Gerenciamento de Projetos em Comunicação, como tornar mais tangíveis ideias e projetos comunicacionais. Aprendi a formatar modelos de projetos culturais e de marketing social e também ler e interpretar editais e processos de seleção na área.

Entender a jornada do usuário e o modo como as novas gerações consomem e interpretam as informações foram alguns dos aprendizados obtidos na disciplina Planejamento e Gestão Web. Com muita leitura e discussões em sala, aprimorei meus conhecimentos no campo e desenvolvi também minhas habilidades de criação gráfica e comunicação visual durante a produção do trabalho final.

Já na matéria Gestão Estratégica para a Sociedade, mergulhei em leituras mais profundas sobre questões sociais como o direito à cidade, racismo, homofobia e transfobia, entre outros, e pude fazer conexões mais densas desses assuntos com o universo da Comunicação Organizacional.

Por fim, no segundo semestre de 2016, na disciplina Assessoria e Consultoria em Comunicação, em contato com a Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília, eu e minha equipe desenvolvemos uma cartilha de uso interno sobre assédio moral e sexual. Como

parte da equipe de criação, foi enriquecedor construir visualmente um material que trata de um assunto tão importante quanto o assédio nas instituições.

Quando foi chegada a hora da decisão sobre o tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, não tive dúvidas que precisava falar sobre o tema que mais perpassou minha vida (pessoal e acadêmica) durante esses 4 anos na universidade. Ao perceber a importância de falar sobre temáticas LGBTQ, me vi quase que na obrigação de abordar o tema e deixar não só um legado acadêmico como também social.

Decidi abordar a diversidade dentro da própria comunidade LGBTQ. Entretanto, durante o processo de amadurecimento do tema e em conversas com minha orientadora, aceitei o desafio de mergulhar em minha própria história e mostrar para outras pessoas como é ser homossexual em uma cidade do interior de Goiás.

Nascido e criado em Formosa, Goiás, tive a oportunidade de estudar em Brasília aos 17 anos e de abrir minha cabeça quanto à minha própria sexualidade e inúmeras outras questões de cunho social que a Formosa não me fornecia. Entretanto, não são todos que podem ter a mesma oportunidade que eu.

Assim, senti a necessidade de retornar à sociedade tudo o que pude estudar e me aprofundar na Universidade de Brasília. E por meio de tudo que aprendi na Faculdade de Comunicação, desenvolver um trabalho que possa alcançar todos aqueles LGBTQs que ainda vivem em cidades do interior pelo Brasil e que esses possam ver que ainda há esperança e que é possível uma vida feliz fora do armário e fora dos conceitos construídos nesses contextos.

## **II Parte**

### **Da experiência à teorização**

Nesta segunda parte, irei relatar como o tema, construído na minha vivência humana e acadêmica, se transformou em um projeto laboratorial. Não foi um processo fácil. Inicialmente, foi necessário identificar e construir um problema.

Constatei que diante de toda a problemática envolvendo as violências sofridas por pessoas LGBTQ e a importância de entender a especificidade dessas vivências em um espaço tão delimitado como uma cidade pequena, tornava-se essencial que esta pesquisa desenvolvesse o trabalho de investigar as características dessa comunidade por meio das narrativas dos próprios indivíduos, tornando o trabalho não só autêntico como também representativo para os participantes.

Assim, a pergunta a qual se quis explorar é: Quais as características da vivência de homens homossexuais na cidade de Formosa, Goiás nos espaços da escola, religião, lazer e família?

## **DELIMITAÇÃO DO OBJETO**

O objeto de estudo desta pesquisa, portanto, é a vivência de homens homossexuais que cresceram em uma cidade do interior (Formosa - GO), a partir dos eixos: família, religião e lazer. Entender as especificidades das experiências é também entender as peculiaridades das opressões e agressões, mas também estabelecer padrões e limites de ação para promover a mudança de atitude naquele contexto social.

## **OBJETIVOS**

### **a) Objetivo geral**

Contar as histórias de vida de homossexuais que nasceram e cresceram no contexto de uma cidade do interior, destacando os espaços escolares, religiosos, familiares e de lazer.

### **b) Objetivos específicos**

- Registrar os desafios, histórias e conquistas dos entrevistados, para que se sintam representados;
- Documentar e contribuir com o tímido acervo de conteúdo e pesquisa sobre o assunto no Brasil;
- Expor as dificuldades enfrentadas pelas vítimas da LGBTQfobia no Brasil e em especial em cidades pequenas.



- Difundir o assunto especialmente para que pessoas LGBTQ de gerações anteriores e que ainda vivem em contextos parecidos possam se enxergar e também vislumbrar um futuro com mais esperança.

## **JUSTIFICATIVA**

Ser LGBTQ no Brasil é historicamente um grande desafio. Pessoalmente, por ser um homem homossexual, enfrentei durante boa parte da vida, o dilema moral de se identificar como tal e ainda precisar assumir isso publicamente.

Um fator que acaba sendo um agravante de todo o panorama das pessoas LGBTQ no Brasil é a falta de produção de conteúdo e cultura voltado a esse público e que o represente. É de extrema necessidade que pessoas LGBTQ sejam representadas e tenham suas narrativas difundidas para sua própria comunidade e também para o restante da população.

Assim, o projeto surge num contexto onde, segundo pesquisa divulgada pelo Grupo Gay da Bahia - uma das maiores entidades do segmento - somente nos primeiros 28 dias de 2016, 30 pessoas LGBT foram assassinadas. Isso representa um assassinato a cada 22 horas. Além disso, somente em 2015 foram registradas 318 mortes de LGBTQs, ainda segundo o Relatório anual produzido pelo Grupo.

O trabalho consiste, então, em uma peça que evidencie e celebre a diversidade em todos os seus aspectos, explorando histórias de pessoas LGBTQ inseridas em um contexto onde pouco se fala sobre o assunto e onde ainda existem uma série de tabus e de empecilhos para a conquista de direitos e políticas públicas específicas. É buscando compreender e dar voz a essas pessoas e suas narrativas que pretende-se promover o debate e estimular o diálogo sobre o assunto.

É uma forma também de lembrar à sociedade que, para pessoas LGBTQ, a própria existência já é um ato político; as próprias histórias de vida já são por natureza, histórias de superação e resistência.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos utilizados para a produção do documentário foram: revisão bibliográfica, entrevista em profundidade e método biográfico. A revisão de bibliografia conceitua e localiza teoricamente os conceitos que permeiam a produção do trabalho. O método biográfico traz informações para complementar aquelas obtidas por meio das entrevistas. Já a entrevista em profundidade, segundo Duarte e Barros (2006) é um recurso que baseado em pressupostos determinados pelo investigador, busca recolher respostas a partir das experiências subjetivas da fonte:

A entrevista é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística (DUARTE, 2006, p.62)

Como o documentário objetiva expor as histórias de vida, as experiências e vivências de homossexuais na cidade de Formosa, essa metodologia se configura a mais adequada, já que consegue extrair o máximo de informações dos entrevistados, captando também suas expressões e sentimentos, além dos dados brutos:

O objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. (DUARTE, 2006)

Para que a coleta consiga captar especialmente o sentimento do entrevistado e para que ele se sinta à vontade para relatar suas experiências e suas histórias de vida, a tipologia usada foi a entrevista qualitativa aberta, em profundidade, com questões semiestruturadas e respostas indeterminadas.

Em seu trabalho intitulado “Memória e Sociedade”, Ecléa Bosi mergulha nos conceito de memória social, lembrança e velhice:

Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase. O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte. (BOSI, 1994)

Há um protagonismo dos atores sociais - no caso dela, os idosos - aqui, dos homossexuais entrevistados – que é fundamental para que se possa entender a origem de muitas questões que envolvem essa população. Assim, é preciso ouvir para conhecer e reconhecer as conquistas e aqueles que as promoveram:

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (BOSI, 1987)

Outra metodologia de pesquisa a ser utilizada foi o “Método biográfico”. Esse método foi utilizado de forma complementar às “Entrevistas em profundidade”. Segundo Maria Cristina Gobbi:

Vilas boas (2002, p53-55) afirma que as fontes de um biógrafo são idênticas às de um historiador. Neste sentido, ele chama de fontes primárias “as gravadas ou impressas que não dependem de filtro da memória humana no presente da investigação”. São elas: documentos (oficiais e não oficiais). Já as fontes secundárias são aquelas que “dependem diretamente do exercício da lembrança, ou seja, da remontagem do passado”. (GOBBI, 2006)

A própria história que remonta o conceito do “Método biográfico” vai de encontro à proposta deste trabalho, de ouvir as minorias e respeitar suas particularidades ao contar suas narrativas. Ainda segundo Gobbi

As primeiras biografias foram expressões das minorias. Ou seja, histórias de vidas de guerreiros, indígenas, escravos, negros, entre outros. Um exemplo disso foi a autobiografia de um líder guerrilheiro da tribo Sauk, chamado Kah-Ge-Cah- Bowh, cuja sexta edição data de 1847. (GOBBI, 2006)

Entretanto, por uma escolha técnica, os dados obtidos além da captação das imagens e áudio foram utilizados exclusivamente para fins de composição estética, de montagem e construção de linearidade do produto.

## LEITURAS E REFERÊNCIAS

Para que possamos localizar o tema do ponto de vista teórico, é necessário fazer um panorama sobre os principais conceitos que envolvem pesquisar a experiência homossexual em uma cidade pequena. É importante também lembrar que este trabalho não objetiva universalizar as vivências e que todo o material presente em seu conteúdo audiovisual trata única e exclusivamente das experiências de vida dos entrevistados.

Em artigo chamado “Homossexualidades masculinas e cidade pequena”, publicado pela revista Bagoas, Ferrari e Barbosa conceituam a homossexualidade apoiando-se nos estudos de Foucault:

Tomando a obra de Foucault (1988) como inspiração, podemos dizer que a homossexualidade foi um conceito inventado pelo discurso médico do século XIX em meio a um contexto de designação de diversas “anormalidades”. Um movimento discursivo que também servia para a construção da sua oposição, o que é “normal”, o heterossexual. Portanto, não entendemos o homossexual como uma espécie ou uma essência natural, mas uma criação cultural que traz embutida as necessidades morais e político-econômicas da sociedade burguesa. Desta forma, a palavra homossexual tem uma razão política de ser, uma data e local de nascimento (FERRARI E BARBOSA, 2014)

Assim, para fins de delimitação do tema, usaremos a definição do Dicionário Aurélio para homossexualidade como: “relativo à afinidade, atração e/ou comportamento sexuais entre indivíduos do mesmo sexo.” Neste trabalho trataremos exclusivamente de homossexuais do sexo masculino. Ainda tratando-se da definição de homossexualidade, é necessário pontuar também como o preconceito atua e influencia na construção identitária do grupo. Kern e Silva pontuam, em seu artigo “A homossexualidade de frente para o espelho”:

Historicamente, à homossexualidade foi atribuída uma identidade estigmatizante que compreendia proliferação de doenças, pecado, sodomia, comportamentos perversos, aberrações da natureza. Ou seja, um discurso heterossexista moralizante contra o diferente como se o heterossexual não assumisse muitas vezes as mesmas dimensões dos “estigmas” apontados acima. Sexo se constitui numa “fonte de prazer e de doenças” por assim dizer, seja lá qual tipo de prática sexual ocorra. (KERN e SILVA, 2009)

Outro trabalho que serviu de referência para a produção do documentário foi o artigo denominado “Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista”, em que Santos e Teixeira buscam entender como o dispositivo do armário (ou a

prática de “ocultar” sua identidade sexual) se manifesta em uma cidade do interior de São Paulo:

(...) as expressões públicas associadas a alguma identidade sexual não correspondente aos modelos identitários heteronormativos são muito mais barradas, cerceadas e policiadas, exigindo dos sujeitos uma vigília de si muito mais tensa do que supostamente ocorre em cidades grandes. (SANTOS E TEIXEIRA, 2014).

O clássico “Devassos no paraíso”, de João Silvério Trevisan foi outra referência fundamental para entender e situar o “ser homossexual” no Brasil. Em sua obra o autor faz praticamente uma linha do tempo resgatando os fatos históricos, políticos e sociais que formaram o que hoje entendemos por comunidade LGBTQ brasileira desde a colônia à atualidade:

Se temos uma função social própria, essa é desintegrar. Somos mestres em desintegrar, já que vivemos da desintegração. Nós construímos não contra ela mas graças a ela. Aprendemos a viver em meio aos fragmentos que nos deixaram sobrar. (TREVISAN, 1985)

A falta de representatividade homossexual na mídia é outra questão importante a ser levantada. É necessário que haja representatividade para haver discussão, naturalização dos fenômenos e principalmente fortalecimento do debate:

Pode-se entender que a mídia fala sobre os acontecimentos e representam classes em suas novelas, filmes e seriados. A carga cultural mediada pode dar vida aos estereótipos socialmente aceitos e excluir determinados segmentos da sociedade como por exemplo o público LGBT, ou ainda LGBTTT, (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), ou seja as diversas orientações sexuais e identidades de gênero diferentes do “convencional”. (BIAZON, 2015)

Além disso, é fundamental registrar a importância do papel social da comunicação, ou como a produção de conteúdos comunicacionais pode impactar a vida de um determinado grupo. Sotomaior lembra a importância que a cultura e os produtos comunicacionais tiveram nos levantes populares ao longo da História:

A chegada até às grandes mobilizações das greves foi conquistada num trabalho interno, de base, feito muitas vezes de forma clandestina, onde forjou-se uma auto-organização operária. Neste sentido, o papel da comunicação e da cultura se fez presente na produção de boletins, atividades de formação, exibição de filmes e outros instrumentos de mobilização. O fortalecimento dos movimentos sociais do período (que vão além do movimento sindical) também seria mais tarde responsável pela

construção dos veículos audiovisuais populares, nos anos 80. (SOTOMAIOR, 2014)

Com o advento da Internet, surgiu e tem ganhado força também o chamado *ciberativismo*, ou a militância feita por meio de plataformas digitais. Com o poder de difusão das novas mídias e com a ascensão de fontes de informação não-hegemônicas, é crucial que os conteúdos que busquem promover a mudança social sejam facilmente compartilháveis para que sejam efetivos.

Cada vez mais o conteúdo audiovisual tem se tornado uma arma poderosa na difusão de informação. Segundo uma pesquisa divulgada em 2016 pela empresa de tecnologia Cisco, a previsão é de que até 2020, 82% de todo o tráfego da internet seja gerado por vídeos.

O poder de alcance das mídias digitais é uma ferramenta que foi levantada estrategicamente na escolha do tipo de material a ser produzido. Por se tratar de um vídeo que pode ser veiculado nessas mídias, o conteúdo pode chegar a mais pessoas e assim trazer a pauta para o centro das discussões não só em cidades pequenas mas também nos grandes centros de decisão política e social.

A conceituação de documentário e suas dimensões sociais também foi feita para que se entendesse os objetivos e limites do gênero. Em seu livro “Introdução ao documentário”, Nichols lembra que:

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2008)

Do ponto de vista conceitual, o documentário se apresenta como uma forma de revisitar e recontar a realidade. Em seu trabalho “Cinema militante, videoativismo e vídeo popular: A luta no campo do visível e as imagens dialéticas da história”, Sotomaior pontua:

Tanto o documentarista, como o seu público e seus personagens se relacionam com um mundo já existente, em contato com diferentes perspectivas discursivas e imagens sobre a realidade. Nichols nota que, para o público, o cinema documentário não só “representa” a realidade social, como a “re-apresenta”, do ponto de vista particular do realizador. (SOTOMAIOR, 2014)

Outro trabalho que também serviu de base para a construção prática, técnica e textual do produto em si foi o artigo “Escrevendo um documentário”, de Barry Hampe:

Boas imagens não aparecem do nada. É preciso planejamento. Você deve estar pronto a reconhecê-las e, o mais importante, estar pronto para filmá-las quando elas acontecerem. Então você deve selecioná-las e organizá-las para apresentar um argumento visual aos espectadores. (HAMPE, 1997)

Embora tenha nascido e sido criado em Formosa, Goiás, foi necessário pesquisar sobre a cidade, desde sua história, PIB, características da geografia econômica e humana.

Arraial de Couros foi o primeiro nome de Formosa, criada na segunda metade do século XVII como desdobramento do município de Luziânia, nessa época também Arraial. Sabe-se que as primeiras casas foram erguidas por negros fugindo da febre amarela, que estaria dizimando os moradores de um outro Arraial, o de Santo Antônio do Itiquira, na barra do rio Itiquira com o rio Paranã. (PREFEITURA DE FORMOSA, 2017)

Com uma população estimada (IGBE, 2016) em 114.036 pessoas, a cidade fica a 90 quilômetros de Brasília e tem um PIB per capita estimado (IBGE, 2014) em R\$15.580,38. Segundo dados do Ministério da Saúde (DATASUS, 2013), a cidade figurava a 139ª colocação no Ranking nacional de municípios pelo número de assassinatos. O município é composto ainda de três distritos: Bezerra, JK e Santa Rosa.

### **III Parte**

#### **O processo criativo**

Inicialmente pensado para ser um livro-reportagem, este documentário foi um grande desafio em todas as esferas: pessoal, profissional e acadêmica. Apesar da aproximação com o audiovisual, uma produção desta dimensão nunca esteve em meus planos de Trabalho de Conclusão de Curso. Entretanto, dada a relevância do tema e a importância de que o produto dialogasse com os mais diversos tipos de público e plataformas, a escolha de produzir conteúdo em vídeo não poderia ter sido mais assertiva.

Outra mudança conceitual que ocorreu ainda na fase embrionária do projeto foi a do tema. O pré-projeto que desenvolvi tratava de um registro sobre a diversidade presente na comunidade LGBTQ brasileira. Dada a abrangência e dificuldades operacionais de realização, optei por fazer um recorte bem mais específico: retratar como é crescer homossexual em uma cidade do interior.

Decididos a natureza e o tema do projeto, era a hora de elaborar um pré roteiro. Nesta etapa, recorri a textos e materiais que pudessem me orientar a fim de facilitar o processo de produção que viria em sequência.

Com o pré-roteiro aprovado em mão, foi preciso delimitar a quantidade de entrevistados, as locações, os temas, o roteiro de perguntas e elaborar o roteiro em si. Nessa etapa optei por entrevistados de quatro faixas etárias diferentes, para que pudesse ter variedade nos relatos, óticas diferentes da experiência homossexual na cidade e também um panorama da evolução daquele contexto em relação à temática.

A partir daí, fui em busca das fontes. Através de uma pesquisa com amigos, conhecidos, familiares e pessoas ligadas à cidade, encontrei as quatro pessoas que contribuiriam com suas histórias de vida. As escolhas basearam-se especialmente na faixa etária de cada um, buscando mais diversidade e objetivando uma análise de uma possível mudança geracional de pensamento e experiência. Assim, contatei Thiago, professor de 28 anos, João, estudante de 19 anos, Cláudio, servidor público de 46 anos e Matheus, estudante de 23. Todos aceitaram o convite e se mostraram extremamente solícitos em colaborar com o projeto.

Nos dias 29 e 30 de abril, munido do aparato técnico fornecido pela Faculdade de



Comunicação e acompanhado de Marcus Vieira, comunicólogo organizacional e *videomaker* (responsável pela captação de áudio, vídeo e pela edição do material), peguei a estrada rumo à Formosa, Goiás, a 90 quilômetros de Brasília.

A captação foi feita com muito sucesso, os entrevistados conseguiram se expressar bem e sem muitas barreiras – que talvez a presença da câmera poderia acarretar. Nessa etapa não conseguimos fazer a gravação das imagens externas de apoio, que iriam enriquecer o vídeo enquanto os entrevistados davam seus depoimentos. Assim, tivemos que marcar de voltar à cidade duas semanas depois para a captação desse material.

Entretanto, nesse meio tempo surgiram alguns (grandes) imprevistos. Ao analisar os conteúdos captados, detectamos que a entrevista de Thiago não estava com áudio de boa qualidade. Por uma falha no momento da gravação, o som parecia longe e por vezes inaudível. Era preciso regravar a entrevista. Entrei em contato com ele, que novamente se mostrou extremamente solícito e conseguimos agendar outro horário para a nova filmagem, no dia 7 de maio, domingo à noite. Bem-sucedida, na segunda gravação conseguimos corrigir o problema da captação de áudio.

Entre o primeiro final de semana de gravações e a segunda entrevista de Thiago, já havíamos decupado todo o material, selecionando as partes mais relevantes e essenciais para compor o documentário. Eis que na segunda-feira seguinte à nova filmagem de Thiago, enquanto era feita a sincronia do áudio com as imagens, o computador desliga sozinho e simplesmente não retorna. Ao entrar em contato com a empresa, fui informado que o prazo para avaliação do dano pela garantia era de no mínimo duas semanas (e ainda assim sem a certeza de que o material estaria a salvo).

Após momentos de choro e desespero (pois não havíamos salvado o material em nenhuma outra plataforma), minha orientadora sugeriu que entrássemos em contato com as fontes novamente para novas entrevistas. Foi o que fiz. Tive um excelente retorno de todos, que prontamente se dispuseram a me contar suas histórias novamente na frente da câmera e o melhor: ainda naquela mesma semana, o que não prejudicaria tanto o cronograma que havia planejado.

Nos dirigimos novamente à cidade nos dias 13 e 14 de maio para a captação das imagens externas de apoio e as novas entrevistas (exceto a de Thiago, a única que não foi perdida). Gravamos as imagens de apoio no sábado, dia 13 e no domingo gravaríamos pela

manhã com João e pela tarde com Matheus. Entretanto, no sábado à noite recebi uma ligação de João se desculpando e dizendo que, por conta de uma agressão homofóbica que acabara de sofrer, desistira de gravar novamente, por medo de se expor ainda mais na cidade.

Neste momento, recorri a uma outra fonte, com quem ainda não havia entrado em contato (e da mesma faixa etária de João) e convidei para participar do projeto. Vinícius, estudante de 20 anos, aceitou na hora o convite e marcamos a gravação para o dia 17 de maio.

Além desses imprevistos, precisamos ainda voltar à casa de Cláudio para gravar imagens de apoio com ele. Por questões de trabalho, ele nos recebeu em sua casa na manhã do dia 18, e conseguimos então finalizar a etapa de captação do material de todos os entrevistados.

A finalização da captação das imagens de apoio se deu no dia 3 de junho, quando voltamos à Formosa para registrar a Festa do Divino, maior evento religioso da cidade e que fora citado algumas vezes durante as entrevistas e por isso achamos interessante gravar também.

Com todo o material em mãos, era hora de selecionar os trechos de maior relevância e que conversassem não só com o enfoque do projeto, mas também que conversassem entre si, para que pudessemos criar uma narrativa que tivesse dinamismo e linearidade. Feita a decupagem, começamos o processo de montagem, buscando pontos de corte e de contato entre as falas, assim como imagens externas de apoio que se relacionassem com o conteúdo abordado pelos entrevistados.

De forma paralela, selecionamos as trilhas que seriam usadas, com a preocupação de que fossem de domínio público, para que o alcance do vídeo não fosse prejudicado por questões de direitos autorais. Além disso, tive o cuidado de recolher as assinaturas dos entrevistados em um termo de autorização de uso de imagem e voz, também para garantir os direitos de imagem envolvidos na produção.

## IV Parte

### A história não terminou

Para difundir o projeto as discussões sobre o tema, alcançando efetivamente os objetivos do projeto, desenvolvemos também um planejamento de comunicação, a fim de organizar a divulgação do documentário para que essas histórias finalmente saiam dos armários das cidades pequenas e vão para o debate.

A divulgação contará com a criação de uma *fanpage* no Facebook que será alimentada com *teasers* e outros conteúdos relacionados ao tema durante as duas semanas que antecedem a divulgação oficial do vídeo. Assim, será possível gerar expectativa e interesse no público. Os esforços de divulgação (incluindo publicações pagas) serão concentrados especialmente no perímetro da cidade (e de cidades vizinhas).

Além da divulgação por meio do Facebook, será feito também um trabalho de assessoria de imprensa em veículos locais e sobretudo em canais do YouTube que abordam a temática LGBTQ. Esse segundo público é fundamental porque já tem um público cativo interessado e principalmente porque dada as dimensões da audiência, tem poder para chegar em outras cidades pequenas pelo Brasil.

O Canal das Bee, canal sobre o assunto no YouTube, com mais de 300 mil inscritos, pode ser um grande aliado, já que possui uma Rede Voluntária de apoio à pessoas LGBTQ e tem como grande parcela de seu público jovens e adolescentes de cidades do interior que buscam no canal uma forma de refúgio e amparo já que não encontram em seus municípios. Além disso é uma tradição do canal divulgar iniciativas de outras pessoas LGBTQ, facilitando ainda mais o acesso a esses materiais.

Outra estratégia é mapear e buscar apoio de organizações que lutam pelos direitos humanos na cidade de Formosa e nas cidades do entorno do DF, para que o documentário possa ser exibido em escolas e instituições afins, alcançando diretamente um dos públicos-alvo principais.

### **Cronograma de publicações - Facebook**

08/06 - Lançamento da página e primeiro teaser

14/06 – Teaser de apresentação do primeiro entrevistado - Cláudio

16/06 – Teaser de apresentação do segundo entrevistado - Vinícius

19/06 – Teaser de apresentação do terceiro entrevistado - Thiago

21/06 – Teaser de apresentação do quarto entrevistado - Matheus

23/06 – Teaser geral (Save the date – 26/06)

26/06 - Lançamento do vídeo no YouTube e Facebook

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conversando e ouvindo as histórias dos entrevistados, não resta dúvidas de que a vivência de homens homossexuais em uma cidade do interior é definitivamente peculiar. Mesmo tratando-se de uma pesquisa que buscou resultados muito mais qualitativos do que quantitativos, na própria fala das fontes é possível perceber como a mudança para centros urbanos maiores possibilitou-os de experienciar suas sexualidades de maneira mais completa. Além disso, na fala de todos é possível também identificar a poderosa influência que instituições tradicionais na cidade tem no cotidiano não só de pessoas LGBTQ, mas de toda a população.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Número de homicídios de pessoas LGBT pode ser recorde em 2016.** 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/numero-de-homicidios-de-pessoas-lgbt-pode-ser-recorde-em-2016>>. Acesso em: 29 maio 2017.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. IBGE. **Brasil/Goiás/Formosa.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/go/formosa/panorama>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Informações de Saúde (TABNET).** 2013. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=02>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CISCO. **White paper: Cisco VNI Forecast and Methodology, 2015-2020.** 2016. Disponível em: <<http://www.cisco.com/c/en/us/solutions/collateral/service-provider/visual-networking-index-vni/complete-white-paper-c11-481360.html>>. Acesso em: 26 maio 2017.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Bagoas**, Natal, v. 8, n. 11, p.211-236, jul. 2014. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/issue/view/406>>. Acesso em: 24 maio 2017.

FORMOSA. PREFEITURA DE FORMOSA. **História.** 2017. Disponível em: <<http://formosa.go.gov.br/cidade/2-historia-.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

HAMPE, B. **Escrevendo um documentário**. Rio Claro. Resumos... Núcleo de Pesquisa e Produção Audiovisual em Geografia – UNESP: 11 f.

KERN, Francisco Arseli; SILVA, Andre Luiz da. A homossexualidade de frente para o espelho. **Psico**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p.508-515, dez. 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5161384.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2007.

PORTAL DOIS TERÇOS (Salvador). **318 LGBTs foram assassinados em 2015, revela relatório do Grupo Gay da Bahia**. 2016. Disponível em: <<http://www.doistercos.com.br/318-lgbts-foram-assassinados-em-2015revela-relatorio-do-grupo-gay-da-bahia/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

SANTOS, Daniel Kerry dos; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. **Bagoas**, Natal, v. 8, n. 11, p.177-210, jul. 2014. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/issue/view/406>>. Acesso em: 28 maio 2017.

SOTOMAIOR, Gabriel de Barcelos. **CINEMA MILITANTE, VIDEOATIVISMO E VÍDEO POPULAR: A luta no campo do visível e as imagens dialéticas da história**. 2014. 393 f. Tese (Doutorado) - Curso de Multimeios, Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285259/1/Sotomaior, Gabriel de Barcelos\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285259/1/Sotomaior,_Gabriel_de_Barcelos_D.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

Links para o vídeo:

<http://bit.ly/todomundovaisaber1>

<http://bit.ly/todomundovaisaber2>